

Enxertia mecânica e tipos de fita para amarrido do enxerto em pereira

Gabriel Berenhauser Leite e
Nelson Luis Finardi

A enxertia é o processo normalmente utilizado na produção de mudas de pereira. Diversos são os tipos e as épocas de realização da mesma, mas um dos mais comuns é a enxertia de garfagem no inverno.

Este processo dispense muita mão-de-obra, levando a uma procura por métodos mais rápidos e eficientes, sendo o uso de máquinas de enxertar uma das opções para otimizar o trabalho. (1)

Após realizado o enxerto, é necessário amarrá-lo para que o mesmo fique imóvel até que ocorra a cicatrização do ponto de enxertia. Para tanto, normalmente é utilizada fita de polipropileno que, além de manter o enxerto imóvel, evita a entrada de água no corte. Entre 60 e 90 dias após o pegamento do enxerto, esta fita necessita ser retirada para que não ocorra o estrangulamento do caule da pereira.

Esta prática, além de demandar mão-de-obra, pode vir a ser um importante ponto de entrada de patógenos, pois ao se cortar a fita é comum haver também o corte da casca.

O presente trabalho objetivou testar a eficiência da máquina portátil de enxertia tipo ômega, em comparação ao método tradicional de enxertia de garfagem dupla fenda, e três tipos de fita de enxertia, no desenvolvimento da planta.

Material e método

Os tratamentos consistiram de garfagem dupla fenda manual e garfagem tipo ômega através da máquina portátil, sendo os enxertos amar-

rados com três tipos de fita de enxertia: polipropileno, fita crepe e fita isolante autofusão.

O delineamento do experimento foi inteiramente casualizado, em parcelas subdivididas, tendo o tipo de garfagem como parcela e o tipo de fita de enxertia, como subparcela, com dez repetições de cinco plantas por subparcela.

Como copa foi utilizada a cultivar Nijisseiki (Século XX), sendo a enxertia feita diretamente no viveiro, sobre o porta-enxerto *Pyrus betulaefolia* enraizado no inverno anterior pelo processo de estaquia lenhosa.

As enxertias foram realizadas no dia 13/8, e os parâmetros, percentagem de pegamento e crescimento das

mudas foram avaliados no dia 27/12. Os dados de percentagem foram transformados em $\text{arc sen } \sqrt{\%}$ para fins da análise estatística.

Resultados e discussão

Apesar de agilizar muito a prática da enxertia, a máquina portátil tipo ômega (Figura 1) apresentou percentagem de pegamento dos enxertos significativamente inferior ao da garfagem manual dupla fenda, 54 e 90%, respectivamente (Tabela 1).

O mesmo ocorreu com a altura da muda que apresentou um crescimento significativamente inferior no caso da garfagem mecânica (52cm) em comparação à garfagem manual

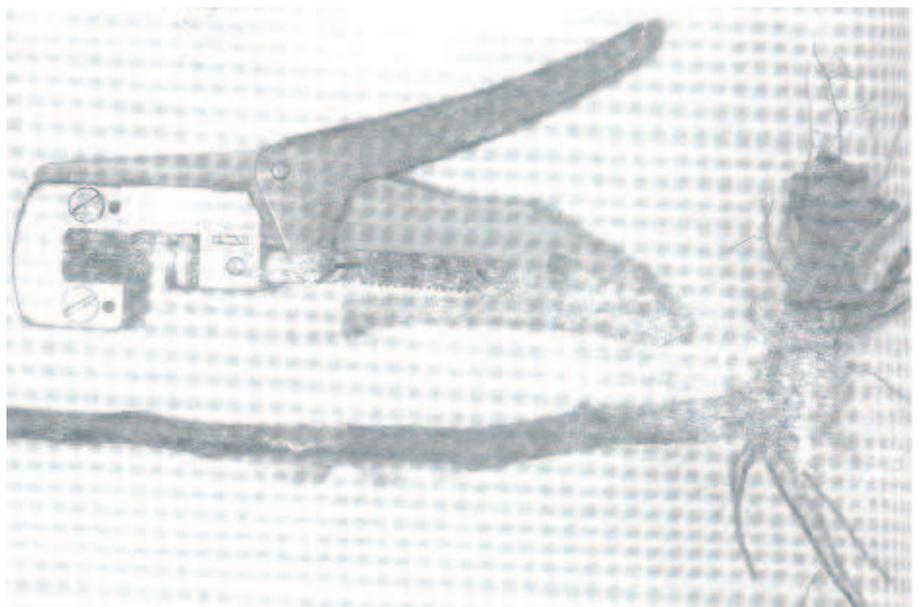


Figura 1 – Máquina portátil de enxertia tipo ômega utilizada no experimento

Fruticultura

(68,8cm).

Esta baixa percentagem de pegamento dos enxertos com a máquina portátil também foi observada em outros trabalhos, mais especificamente na enxertia de estacas de macieira (2). Estes maus resultados podem ter duas explicações. A primeira está relacionada ao diâmetro do material enxertado, que necessita estar dentro de uma faixa padrão para que ocorra o corte em ômega. Foi observado a campo que os diâmetros entre 0,8 e 1,0cm foram os que melhor se adaptaram à máquina de enxertar. O segundo ponto está na qualidade do corte efetuado. Após alguns enxertos observou-se que o corte proporcionado pela máquina não era liso, e sim meio mascado, fato este que compromete a cicatrização do enxerto. Além disso, em alguns casos, quando a casca encontra-se meio solta a máquina não consegue cortá-la, danificando o material para a enxertia. Deste modo, o uso da máquina exige uma maior uniformidade entre o porta-enxerto e o enxerto quanto ao diâmetro.

O tipo de fita de enxertia não influenciou no percentual de pegamento mas em relação à altura das plantas. Aquelas amarradas com fita de polipropileno tiveram crescimento significativamente inferior (44,2cm) em comparação às plantas atadas com fita crepe (68,7cm) e fita isolante autofusão (68,4cm) (Tabela 1).

Esta redução de crescimento pode ser creditada ao estrangulamento provocado pela fita de polipropileno, que

Tratamento	% de pegamento	Altura (cm)
Tipo enxertia		
Manual	90,6 a	68,8 a
Mecânica	54,6 b	52,0 b
Tipo de fita		
Polipropileno	71	44,2 b
Fita crepe	70	68,4 a
Fita isolante autofusão	77	68,4 a

Obs.: Média seguida por letras diferentes, na vertical, diferem entre si pelo teste de Duncan a 5%.

não cede com o aumento do diâmetro da muda, dificultando o transporte de nutrientes. Deste modo, é obrigatório o corte da fita, de 60 a 90 dias após a enxertia, visando evitar este problema. Já a fita crepe e a fita autofusão não necessitam ser cortadas pois cedem com o crescimento da planta, eliminando a necessidade de corte da fita. Economicamente a fita crepe é muito mais vantajosa que a fita isolante autofusão.

Conclusão

Pelos resultados obtidos podemos concluir que:

- A máquina portátil tipo ômega testada não é recomendada para enxertia de pereira diretamente no viveiro.

- A fita crepe pode ser usada como

fita de enxertia com algumas vantagens sobre a fita de polipropileno tradicionalmente utilizada.

Literatura citada

1. HARTMANN, H.T.; KESTER, D.E.; DAVIES, F.T. *Plant propagation: principles and practices*, 5. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1990. 647p.
2. LEITE, G.B.; FINARDI, N.L.; CAMELLATO, D. Enxertia em estaca: uma nova opção para produção de mudas de macieira. *Agropecuária Catarinense*, Florianópolis, v.11, n.2, p.5-7, jun. 1998.

Gabriel Berenhauer Leite, eng. agr., M.Sc., Cart. Prof. 7.445, Crea-SC, Epagri/Estação Experimental de Caçador, C.P. 591, 89500-000 Caçador, SC, fone (0XX49) 663-0211, fax (0XX49) 663-3211 e **Nelson Luiz Finardi**, eng. agr., Ph.D., Rua Professor Araújo, 585, Centro, 96020-360 Pelotas, RS, fone (0XX53) 222-6730. □

Informe-se sobre o Pólo de Maricultura em Santa Catarina. Acesse a homepage da Epagri <http://www.epagri.rct-sc.br>